

GT 1 - Desenvolvimento científico do campo secretarial
Tema 1 - Teoria Secretarial**A DICOTOMIA OBJETIVIDADE-SUBJETIVIDADE ASSOCIADA À PRÁXIS NO
CAMPO SECRETARIAL****Katia Denise Moreira**Universidade Federal de Santa Catarina, katia.denise@ufsc.br**Luci Mari Aparecida Rodrigues**Universidade Federal de Santa Catarina, luci.mari@ufsc.br**Stefani de Souza**Universidade Federal de Santa Catarina, stefani.souza@ufsc.br**Juliana Cidrack Freire do Vale**Universidade Federal de Santa Catarina, julianacidrack@gmail.com

Resumo: A transição operacional-estratégica em termos de nível de atuação na profissão secretarial foi evidenciada empiricamente, todavia, ainda não discutida sob a ótica epistemológica. Nesse sentido, este estudo buscou experimentar outros caminhos para se investigar um tema que vem sendo tratado de forma mais técnica, considerada a tendência para o desenvolvimento do secretariado como campo científico. Assim, objetiva-se discutir como se estabelece a complementaridade na dicotomia objetividade-subjetividade, relacionada ao processo de construção da *práxis* no campo secretarial. No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. Quanto à natureza é básica e descritiva acerca do objetivo abordado. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a bibliográfica e a documental. Utilizou-se da Análise de Conteúdo para tratamento dos dados. Os resultados apontaram que, aspectos inerentes a dicotomia em questão contribuíram para a transição de postura do sujeito secretário, que antes se caracterizava por realizar ações como um agente passivo e executor de tarefas, para um perfil contemporâneo, cuja tônica é a proatividade e o posicionamento de gestor que o profissional alcançou. Desse modo, depreende-se dos dados que ocorre um processo complementar de transição no campo de atuação secretarial, da objetividade para a subjetividade.

Palavras-chave: Objetividade. Subjetividade. Campo Secretarial.

1 INTRODUÇÃO

Por dicotomia entende-se a divisão de um fenômeno em duas partes, caracterizadas essencialmente pela contrariedade (JAPIASSU, 1991; ABBAGNANO, 2007). Todavia, há de se considerar a possibilidade de reflexão sobre a complementaridade entre as diferenças, visto que uma parte pode sustentar, validar, explicar ou interpretar a outra, cada uma a partir de suas próprias concepções sobre um determinado problema.

Ao exposto, acrescenta-se a dicotomia objetividade-subjetividade, a primeira associada às questões externas ao indivíduo, àquilo que é concreto e, a segunda, relacionada às observações peculiares da realidade (COSTA; KRÜGER, 2003). Ou seja, pondera-se sobre a complementaridade entre ambas, dado o pressuposto de que a subjetividade pode ser considerada ponto de partida da objetividade, se associada às concepções prévias do indivíduo

sobre um fenômeno observado. Esse processo pode, por exemplo, ser observado na atuação dos atores sociais enquanto praticantes capazes intervir no contexto social, por meio de sua contribuição para o processo de construção da *práxis* e das práticas sociais.

Diante disso, considerado o interesse de pesquisa deste trabalho, optou-se por àqueles atores do campo secretarial, cuja atuação profissional evoluiu durante os últimos anos, principalmente após a década de 1990, devido à ampliação de recursos na área tecnológica, bem como de mudanças no contexto econômico e social das nações (MOREIRA et al., 2016). Essa conjuntura passou a influenciar de forma incisiva o campo organizacional, o que exigiu do secretário o aprimoramento de suas competências (MOREIRA, 2018). Tal reflexão vai ao encontro do discutido sobre a intensificação de novas situações nas organizações, o que passou a exigir dos profissionais de secretariado a aquisição de competências diferenciadas, além das já adquiridas (WILLERS; BORTOLOTTI, 2005).

Ou seja, as atividades caracterizadas apenas pela necessidade de execução foram integradas a outras que exigem também a gestão. Nesse sentido, passa-se a demandar do secretário uma postura analítico-conceitual, capacidade de autogerenciamento, de assimilação de novas informações, habilidades de natureza operacional, flexibilidade intelectual, comportamento autônomo e formação diferenciada – a superior (WILLERS; BORTOLOTTI, 2005). Ademais, diante do elevado nível de complexidade a que as organizações foram submetidas, novas competências puderam ser agregadas à profissão e seu aparato técnico, tático e estratégico foi amplamente reformulado (NONATO JÚNIOR, 2008).

Diante do ora contextualizado, sustenta-se que houve uma transição em termos de execução-gestão no que se refere à atuação secretarial nas organizações e que tal movimento pode estar associado ao posicionamento do praticante em relação à *práxis* e a prática, bem como à dicotomia objetividade-subjetividade que se conecta a esse processo. Considerada tal premissa, surge como questionamento deste estudo: como se estabelece a complementaridade na dicotomia objetividade-subjetividade, relacionada ao processo de construção da *práxis* no campo secretarial? Considerada a problemática, este estudo tem por objetivo discutir como se estabelece a complementaridade na dicotomia objetividade-subjetividade, relacionada ao processo de construção da *práxis* no campo secretarial.

O estudo se justifica pela importância em trazer elementos teóricos de cientificidade para a área secretarial, principalmente no que se refere a sua atuação, visto que constatações apenas técnicas não são suficientes para o desenvolvimento de um campo de conhecimento; dado que há possibilidade de se utilizar conhecimentos de outras áreas quando o propósito é alargar ou apurar a problemática, enriquecer seus instrumentos conceituais e aperfeiçoar técnicas de investigação de um determinado campo (SERVA; DIAS; ALPERSTEDT, 2010). É relevante dizer que este estudo se alinha a outros já realizados na mesma direção, como por exemplo, os de Nonato Júnior (2008), Sabino e Marchelli (2009), Maçaneiro e Kuhl (2013) e Martins et al. (2017). No entanto, as discussões propostas por esses pesquisadores ocorrem sem uma aproximação direta entre a atuação secretarial e a *práxis*, prática e praticante, o que se constitui como uma lacuna teórico-empírica a ser explorada.

Acerca da estrutura, este estudo é composto de cinco seções. A primeira, esta introdutória, apresenta uma breve contextualização sobre o tema, pergunta problema, objetivos e justificativa. Na sequência está o referencial teórico, que aborda a questão da dicotomia objetividade/subjetividade no contexto dos pressupostos metateóricos e a transformação que ocorreu na atuação secretarial. Na terceira parte, são trazidos os

procedimentos metodológicos adotados e, em seguida, na quarta seção, a análise e discussão. Na última parte do estudo são expostas as considerações finais acerca da pesquisa e as referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PRESSUPOSTOS METATEÓRICOS

O positivismo (Augusto Comte - 1789-1857) admite e valida apenas o conhecimento baseado em fatos e experiências, assim, não há espaço para a subjetividade em termos de realidade, verdade e valores (BENEDICTO et al., 2012). No entanto, ainda segundo os autores, a revolução científica do século XVII adotou a postura de uma ciência construída a partir de um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, sistematizados e organizados, que passam a interpretar a realidades de formas diversas; momento em que surgem as epistemologias subjetivista e construtivista.

Dentre as abordagens epistemológicas dos estudos organizacionais, Burrell e Morgan (1979) tratam da teoria social e da teoria das organizações, a partir de pressupostos metateóricos, que se encontram de maneira implícita ou explícita nos objetos de investigação dos pesquisadores. Tais pressupostos contemplam, então, a natureza do mundo social e da forma como este é examinado, bem como, podem ser considerados sob duas dimensões: quanto à natureza da ciência social (objetiva-subjetiva) e acerca da natureza da sociedade (regulação-mudança radical) (BURRELL; MORGAN, 1979; BARBOSA DA SILVA; NETO, 2006). A partir disso, Burrell e Morgan (1979) elaboraram um modelo que contempla quatro paradigmas - humanista radical e interpretativista, associados à subjetividade e estruturalista radical e funcionalista, à objetividade. Nesse sentido, Peci (2006, p. 39) explica que:

Embora reconhecendo a predominância do paradigma funcional, os autores [Burrell e Morgan, 1979] enfatizaram que todos os paradigmas são igualmente legítimos. No entanto, também contribuíram para cristalizar as dicotomias, entre as quais a objetividade-subjetividade, uma vez que a categorização que os autores propõem pressupõe a existência e a exclusividade mútua de seus componentes.

Trata-se, logicamente, de uma definição de “lados”: ou a objetividade ou a subjetividade. Todavia, de acordo com Peci (2006), é possível a superação dessa dicotomia, inclusive com a construção de possibilidades de uma relação complementar entre elas nos estudos organizacionais, transpassando assim as fronteiras disciplinares e metodológicas. A autora explica que a controvérsia entre um e outro fenômeno é debate antigo e que muitas correntes teóricas nasceram a partir dos posicionamentos filosóficos/sociais sobre uma ou outra.

Nessa direção, Peci (2006) apresenta três posicionamentos frente a dicotomia: a) assumir posição unilateral, ou seja, decidir-se exclusivamente por um dos lados; b) síntese entre objetividade-subjetividade e c) rejeição a dicotomia. Diante de tal cenário, este estudo direciona seus esforços para a proximidade entre o objetivo e o subjetivo, seguindo os pressupostos de estruturação de Giddens (1984) e a concepção de *campus-habitus* de Bourdieu (1990). Os autores, segundo Peci (2006) teorizam a partir de uma relação dialética entre a dicotomia objetividade/subjetividade e constroem referenciais sobre diversas perspectivas, quais sejam: a fenomenologia, individualismo metodológico, estruturalismo, funcionalismo, pragmatismo e marxismo.

Dessa maneira, Giddens (1984), ao discutir as práticas sociais, desconsidera o dualismo social/individual, no qual o primeiro se materializa em teorias que engessam a capacidade de mobilização do sujeito, enquanto o segundo abrange o privilégio da intencionalidade e subjetividade sobre as práticas sociais. Para Giddens (1984) é importante ser sensível às competências dos atores, para coordenar seu comportamento no cotidiano, uma vez que são eles, os sujeitos, que possuem conhecimento acerca das condições que enfrentam, as consequências dos seus atos, naquilo que se refere às suas atividades diárias. O autor explica, ainda, que a estrutura é o meio pelo qual a prática se reproduz.

Na tentativa de conciliar objetividade e subjetividade, para além do empirismo e o teorismo, Bourdieu (1990) desenvolveu sua teoria em alicerces construtivistas/estruturalistas. Para Schenato (2011), o estruturalismo de Bourdieu (1990) vai na direção de que independentemente daquilo que o sujeito pensa ou deseja, existem estruturas objetivas que condicionam e orientam suas ações, práticas e representações. Já, o construtivismo, manifesta-se na gênese social daquilo que é percepção e ação do *habitus*, que também constrói os campos, os grupos e as classes sociais (SCHENATO, 2011).

Para Bourdieu (1996), o *habitus* gera práticas distintas, que são como esquemas classificatórios que abrangem visões diferentes. O teórico explica que é na prática que o *habitus* do sujeito se atualiza. No entanto, os sujeitos “[...] ao mesmo tempo em que não são inteiramente obedientes às estruturas, também não são inteiramente livres delas, não há como alguém criar algo totalmente novo, ou fazer o que quiser sem levar em conta os condicionamentos sociais e históricos (SCHENATO, 2011, p. 35). Na mesma perspectiva, está a crítica de Bourdieu (2001) ao enquadramento paradigmático estabelecido por Burrell e Morgan (1979), quando o autor expressa que ao se escolher um dos lados, o indivíduo não percebe o controle ou a censura, exercidos pelo próprio polo, que delimita o campo de discussões, excluindo qualquer tomada de posição já não prevista.

A esse contexto alinha-se a práxis, sustentada pela concepção de que os problemas principais do indivíduo estão vinculados a questões práticas de sua existência (JAPIASSU, 1991; ABBAGNANO, 2007). A *práxis* materializa-se na natureza das atividades diárias, que envolvem tanto a rotina, quanto sua não existência; o formal, o informal e as atividades, em multiníveis, em todo o contexto organizacional que podem ser ampliadas ou mudarem ao longo do tempo (JARZABKOWSKI, 2005; WHITTINGTON, 2006; ORLIKOWSKI, 2010;).

Observa-se que a práxis envolve outros dois elementos, a prática, ou seja, as ferramentas sociais, simbólicas e materiais por meio das quais as atividades ocorrem, que se desdobram em ações (JARZABKOWSKI, 2005; WHITTINGTON, 2006) e os praticantes, aqueles que realizam as atividades, a partir das práticas, por meio de processos interativos que promovem ação coletiva (WHITTINGTON, 2006; JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007). Em complemento ao exposto tem-se que a prática, quando fomentada pela reflexão crítica e, alicerçada pela teoria, constitui a *práxis*. Desse modo, emergem dois elementos dicotômicos no processo de construção da *práxis* - as ações ou práticas em si e, por outro, a reflexão crítica/teórica (SABINO; MARCHELLI, 2009).

Nessa direção, ao retomar a reflexão na linha construtivista, Hatchuel (2005), trata do fenômeno da prática baseado na desmistificação metafísica da ação, relacionada ao resgate da natureza recursiva da ação humana, que versa sobre a inseparabilidade dos saberes do indivíduo e das suas relações com o meio em que habita e reivindica um caráter construtivo e criativo da gestão, que está ora influenciada pela teoria, ora pela prática. Vale destacar que, o

construtivismo em termos de representação cognitiva, assume, a partir de Le Moigne (2007), duas hipóteses fundadoras: a) fenomenológica, baseada fundamentalmente em Jean Piaget (1896-1980) e caracterizada pela inseparabilidade entre a ação de conhecer um objeto e o do sujeito se auto conhecer; isto é, a interação cognitiva entre esse objeto e o modo de elaboração desse conhecimento pelo sujeito; e b) teleológica, na qual o ato de conhecer leva em consideração a finalidade do sujeito, uma vez que este interpreta o objeto em termos tanto de causas finais aristotélicas, quanto em termos endógenos, produzidos pelo sujeito em si mesmo.

É na concepção fenomenológica que Grisales (2011) trata a perspectiva construtivista, ou seja, o conhecimento resultaria da apreensão de uma realidade complexa, na qual o sujeito, ao mesmo tempo em que busca conhecê-la, a constrói, a interpreta e a cria, inserindo-se em um processo, no qual recria a si mesmo. Nesse sentido, Lane (2002, p. 17) explica que:

A subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e suas instituições, ambas utilizam as mediações das emoções, da linguagem, dos grupos, a fim de apresentar uma objetividade questionável, responsável por uma subjetividade na qual estes códigos substituem a realidade.

Na mesma corrente, Costa e Krüger (2003) dizem que a subjetividade pode ser considerada como o ponto de partida da objetividade e se associa às concepções prévias do indivíduo. Assim, a subjetividade, para os autores, está relacionada à observação, já a objetividade está alinhada a tudo aquilo que está fora do sujeito, ou seja, vincula-se “[...] às teorias científicas, uma postura de ‘independência do observador’, ao desenvolvimento de ‘alguma coisa concreta’, à reprodutibilidade, isto é, à capacidade de demonstração e confirmação independentes” (COSTA; KRÜGER, 2003, p. 5). No Quadro 1, apresenta-se uma comparação entre as concepções dos fenômenos objetividade e subjetividade.

Quadro 1 - Objetividade e Subjetividade: comparação em termos de construção teórico prática.

AUTOR	OBJETIVIDADE	SUBJETIVIDADE
(JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001)	Característica daquilo que existe independentemente do pensamento. Em um sentido epistemológico, tentativa de constituir uma *ciência que se afaste da sensibilidade e da subjetividade, baseando suas conclusões em observações controladas, em verificações, medidas e experimentos, cuja validade seja garantida pela possibilidade de reproduzi-los e testá-los.	Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo, portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. A filosofia chama de "subjetivas" as qualidades segundas, pois não constituem propriedades dos objetos, mas "afetações" dos sujeitos que as percebem.
(BRUCE; YEARLEY, 2006)	Característica daquilo que é objetivo. Algo que existe independente da vontade do sujeito. Está associado à percepção sem distorção, por preferências, preconceitos ou vieses.	Enfatiza a natureza fragmentada do sentido e considera o eu como uma construção cultural ou simbólica.

<p>(ABBAGNANO, 2007)</p>	<p>Caráter da consideração que procura ver o objeto como ele é, não levando em conta as preferências ou os interesses de quem o considera, mas apenas procedimentos intersubjetivos de averiguação e aferição. Neste significado, a objetividade é um ideal de que a pesquisa científica se aproxima à medida que dispõe de técnicas convenientes. Qualquer doutrina que admita a existência de objetos (significados, conceitos, verdades, valores, normas, etc.) válidos independentemente das crenças.</p>	<p>Termo moderno que designa a doutrina que reduz a realidade ou os valores a estados ou atos do sujeito (universal ou individual). Nesse sentido, o idealismo é subjetivo porque reduz a realidade das coisas a estados do sujeito (percepções ou representações). Caráter do que é subjetivo no sentido de ser aparente, ilusório ou falível.</p>
--------------------------	---	---

Fonte: Construído pelas autoras com base em Japiassú e Marcondes (2001), Bruce e Yearley (2006), Abbagnano (2007).

Depreende-se do ilustrado no Quadro 1, que a construção do conhecimento científico se faz alicerçado no objetivismo, visto a necessidade do rigor e da confiabilidade, entretanto, esse conhecimento ao se concretizar no empirismo, amalgama-se ao subjetivismo, visto que a prática se dá, por meio do sujeito. Assim, entende-se que a dicotomia ora apresentada pode ser compreendida como complementar, apesar de haver, ainda, correntes extremistas, que tendem a polarizá-la. Após a teorização trazida ao longo desta seção, passa-se, na sequência, ao segundo aporte teórico deste estudo, que trata da profissão secretarial em seu percurso evolutivo em termos de competências, a partir de elementos que podem demonstrar uma possível síntese do campo secretarial em termos da dicotomia objetividade/subjetividade, diante das competências do sujeito secretário.

2.2 A TRANSFORMAÇÃO DA ATUAÇÃO SECRETARIAL

A profissão secretarial tem se transformado ao longo dos anos, acompanhando mudanças paradigmáticas tanto no contexto mundial quanto no brasileiro. Sobre essa postura, ressalta-se o surgimento da figura da mulher como secretária, no século XX, quando os homens, que desempenhavam tal função, foram para os campos de batalha nas duas Grandes Guerras Mundiais (NATALENSE, 1998). Evidencia-se, também, o avanço tecnológico que no final do mesmo período ganhou força e resultou na inserção da tecnologia nos escritórios, fato que, conseqüentemente, proporcionou novos processos organizacionais (RIBEIRO, 2002), os quais, inclusive, impulsionaram a profissão, a qual a partir de então tomou novos rumos (NEIVA; D'ELIA, 2009; NONATO JUNIOR, 2009).

Nesse sentido, destaca-se que, à época, os comentários eram de que a profissão acabaria ao sucumbir diante da inovação. No entanto, pelo contrário, a informática e o processo de *downsizing* foram os maiores responsáveis pela mudança no papel do secretário executivo nas organizações (VEIGA, 2010). Tem-se, ainda, que ao fazer uso dessas ferramentas o profissional passou a ter a oportunidade de se integrar com os processos e com a gestão das organizações e, ainda, a partir da redução dos níveis hierárquicos, muitas das atividades que antes eram desempenhadas pelas médias gerências, passaram a ser executadas pelo secretário, fato que ampliou as responsabilidades e elevou o grau de complexidade das tarefas que o profissional executa (VEIGA, 2010). Adelino e Silva (2012) complementam o

exposto, ao mencionarem que a era tecnológica auxiliou o secretário, no sentido de ele gerir melhor o seu tempo, o que lhe proporcionou participar mais ativamente do cotidiano organizacional e a pensar na qualificação de suas competências.

Dessa maneira, inseridos na dinâmica contemporânea das organizações, os profissionais de secretariado assumem perfil diferenciado, mais proativo, multifuncional e empreendedor, voltado, além da assessoria, também à gestão (BOEIRA; DURANTE, 2010; MOREIRA et al., 2016). O Quadro 2 apresenta as mudanças na atuação secretarial ora discutidas, associadas às competências desenvolvidas durante a formação. Estas que contribuíram para a mudança de um status de atuação operacional para outro mais estratégico.

Quadro 2 – Transformação na atuação secretarial.

ANTES	DEPOIS	COMPETÊNCIAS
Executora de tarefas	Gerenciamento	Exercício de funções gerenciais, com sólido domínio sobre planejamento, organização, controle e direção.
Datilógrafa	Redação e Editoração de textos	Adoção de meios alternativos relacionados com a melhoria da qualidade e da produtividade dos serviços, identificando necessidades e equacionando soluções.
Arquivista	Planejadora, organizadora e mantenedora de dados e informações em arquivos, inclusive eletrônicos	Gerenciamento de informações, assegurando uniformidade e referencial para diferentes usuários. Capacidade de maximização e otimização dos recursos tecnológicos
Atendente de telefone	Atendimento global aos clientes	Gestão e assessoria administrativa com base em objetivos e metas departamentais e empresariais.
“Quebra-galhos”	Intermediadora de acontecimentos, negociadora, facilitadora	Visão generalista da organização e das peculiares relações hierárquicas e intersetoriais
Atividades Mecânicas	Uso da criatividade	Iniciativa, criatividade, determinação, vontade de aprender, abertura às mudanças, consciência das implicações e responsabilidades éticas do seu exercício profissional
Ações em submissão	Ações empreendedora	Habilidade de lidar com modelos inovadores de gestão
Dependente	Autônoma	Capacidade de articulação de acordo com os níveis de competências fixadas pelas organizações
Disponível	Acessível	Utilização do raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e estabelecendo relações formais e causais entre fenômenos e situações organizacionais.
Seguidora	Líder	Receptividade e liderança para o trabalho em

		equipe, na busca da sinergia
Resolvedora de problemas	Realizadora de previsões objetivas	Domínio dos recursos de expressão e de comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais
Cartão de visitas	Agente de marketing e endomarketing	Eficaz utilização de técnicas secretariais, com renovadas tecnologias, imprimindo segurança, credibilidade e fidelidade no fluxo de informações

Fonte: Natalense(1998) e Brasil (2005).

Constata-se, por meio do Quadro 2, que houve significativas transformações em termos de atuação profissional, as quais acompanham sim aquilo que vinha se discutindo em termos de historicidade. Diante disso, a evolução das competências secretariais, as quais são construídas no sentido de proporcionar ao sujeito secretário posicionamento mais estratégico (RODRIGUES; LAVARDA; MARTINS, 2017) e menos operacional, constituem um arcabouço de evolução em termos de teoria e ação no contexto do secretariado. Acrescenta-se ao verificado, as palavras de Marinho (2014), quando expõe que a mudança no perfil do profissional indica que ele passou a atuar como um agente ativo e cooperativo nas organizações.

No Brasil, foi na década de 1950, com a chegada das multinacionais do segmento automobilístico, que a entrada do profissional de secretariado no mercado de trabalho se intensificou (RIBEIRO, 2002). Porém, a profissão perdeu seu caráter informal no país apenas no ano de 1985, com a Lei n.º 7.377, de 30 de setembro de 1985 (atualizada pela Lei n.º 9.261 de 10 de janeiro de 1996), que regulamentou a profissão (BRASIL, 1985; BRASIL, 1996).

Ainda sobre o contexto brasileiro, Nonato Júnior (2009) ressalta que a atualização do Secretariado na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) foi uma grande conquista, no ano de 2002. Na referida Classificação, o secretário executivo faz parte do segundo grande grupo, o GG2, chamado Profissionais das Ciências e das Artes, que “compreende as ocupações cujas atividades principais requerem para seu desempenho conhecimentos profissionais de alto nível e experiência em matéria de ciências físicas, biológicas, sociais e humanas” (MTE, 2017). As atividades desse grande grupo “consistem em ampliar o acervo de conhecimentos científicos e intelectuais, por meio de pesquisas; aplicar conceitos e teorias para solução de problemas ou por meio de educação, assegurando a difusão sistemática desses conhecimentos” (MTE, 2017).

Observa-se, no entanto, que para alcançar esse perfil é necessária formação específica, diante da premência de aprofundamento do conhecimento, de habilidades e de atitudes perante as responsabilidades designadas ao profissional de secretariado em tempos atuais. Assim, no que se refere à formação, destaca-se a Resolução n.º 3, de 23 de junho de 2005, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de graduação em secretariado executivo (BRASIL, 2005). No documento estão dispostos, dentre outros, o perfil e as competências que a formação deve possibilitar ao acadêmico, visto que quando findado o curso superior devem estar capacitados e aptos para “compreender as questões que envolvam sólidos domínios científicos, acadêmicos, tecnológicos e estratégicos, específicos de seu campo de atuação, assegurando eficaz desempenho de múltiplas funções de acordo com as

especificidades de cada organização [...]” (BRASIL, 2005, p. 79). Destaca-se, ainda, que as DCNs, em seu artigo 4º, apresentam um rol de competências a serem desenvolvidas durante a formação, as quais estão expressas no Quadro 2, associadas a evolução da profissão secretarial.

Sobre tais exigências, Willers e Bortolotto (2005), Leal e Dalmau (2014) e Moreira et al. (2016) manifestam que a incorporação de competências diferenciadas no perfil secretarial, permitiu ao profissional ocupar lugar junto aos dirigentes nas organizações e assumir equipes de trabalho. Tornaram-se, ainda, segundo os autores, profissionais capacitados para identificar problemas, propor soluções, intervir e analisar dados e informações. Para Camargo et al (2015, p. 11) “esse profissional se mostra capaz de comandar e auxiliar o trabalho de variados departamentos, dessa forma, passa a exercer o papel de coordenador e assessor”.

Ao se retomar a questão da atuação secretarial em um cenário de constantes transformações, lembra-se que Sabino e Marchelli (2009, p. 606) chamam atenção para as críticas em relação a não associação entre a prática secretarial alinhada ao conhecimento:

No âmbito meramente prático, de pouco ou mesmo nada em termos de teorias e reflexões científicas os secretários precisam dispor para realizar seu trabalho. Nesse caso, a eles se imputa meramente saber operar instrumentos ou pensar segundo conceitos acabados, sem nunca explorar a possibilidade de aperfeiçoar seu conhecimento a respeito do contexto organizacional, para atuar com base em princípios teóricos passíveis de cientificidade.

Os autores afirmam que para o secretário atuar é preciso que haja fundamentação teórica associada à prática cotidiana e, nesse sentido, Wamser (2010) lembra que para ter condições de atuar com excelência, o secretário executivo deve privilegiar, dentre outras coisas, a busca de competências na área de gestão. Nessa perspectiva, Marinho (2014, p. 26) evidencia o perfil díspar que o profissional apresenta, de modo que é comum “questionar processos de trabalho, formas de negociação, buscar melhorias em técnicas já existentes ou ainda desenvolver e auxiliar novas estruturas de poder e liderança dentro das organizações”.

Diante do apresentado é fato que a profissão secretarial evoluiu ao longo do tempo, distanciando-se dos pressupostos do modelo de gestão puramente funcionalista (SOUZA et. al, 2017). A mudança basilar no perfil do secretário executivo está na transição do campo puramente operacional para o campo gerencial/estratégico, no qual o profissional assume uma posição mais ativa em oposição a atuação passiva do passado (RODIGHERO; GRZYBOVSKI, 2009).

Porém, é importante lembrar que o secretário não deixou de executar as tarefas que executava anteriormente, tais como atender ao telefone, redigir e encaminhar correspondências, arquivar documentos, dentre outras. Porém, a atuação secretarial não deve ser considerada apenas como prática profissional isoladamente, “mas também como práxis que incorpora conceitos teóricos, consciência reflexiva e domínio de teorias científicas” (SABINO; MARCHELLI, 2009).

Portanto, dispondo dos conhecimentos específicos que levem à compreensão da complexidade teórica do seu trabalho prático, o secretário-executivo compreenderá o entorno conceitual, em que suas atribuições se desenvolvem (SABINO; MARCHELLI, 2009). Como afirma Durante (2010, p. 17), “não se trata de excluir da profissão as técnicas e procedimentos, mas de agregar uma atitude diferenciada diante de tais técnicas, como a

atitude de reflexão sobre o fazer e de interferência nessa realidade, e não de alienação e submissão”. Assim, findadas as considerações teóricas deste estudo, apresentam-se, na sequência, os caminhos metodológicos aplicados para o desenvolvimento desta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Observado que houve evolução no campo secretarial, em termos de posicionamento na estrutura organizacional, ou seja, de que o profissional de secretariado passou da atuação em nível operacional para o estratégico e, além disso, que tal fato está alinhado a uma questão epistemológica pouco explorada na área, este estudo busca, por meio da dicotomia objetividade-subjetividade, identificar elementos que caracterizam esse fenômeno.

A partir de tais aspectos, esta pesquisa se configura como de natureza básica, visto que o intuito é a concentração de conhecimentos e informações para sustentação de resultados acadêmicos ou outros de importância específica (SCHWARTZMAN, 1979). Nesse sentido, pretende-se contribuir com informações e reflexões para as pesquisas na área secretarial.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma investigação descritiva que, conforme Vergara (2007), é aquela que descreve as características de um determinado fenômeno e/ou a relação entre as variáveis que o compõem. Assim, neste estudo são descritas as relações entre a dicotomia proposta e a ocorrência dela no campo secretarial.

Em termos de abordagem, adotou-se a qualitativa, que tem como fundamento o estudo e a análise do mundo empírico, por meio de dados descritivos sobre pessoas, lugares ou processos interativos, a fim de compreender o fenômeno, a partir daquilo que vivencia o sujeito participante (GODOY, 1995). Sob essa perspectiva, esta pesquisa se preocupou em analisar, no sentido epistemológico, um processo evolutivo da profissão secretarial no contexto brasileiro, a partir das competências técnicas e comportamentais presentes na atuação do profissional de secretariado.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, os dados foram coletados em material já consolidado sobre os temas abordados, cujas fontes foram livros e artigos científicos. E, ainda, contou-se com a pesquisa documental, relacionada aos regimentos jurídicos que normatizam a atuação secretarial (VERGARA, 2007). Observa-se que, a partir do escopo teórico apresentado neste estudo, foram criadas categorias analíticas que permitiram uma análise constitutiva e operacional daquilo ora proposto. Em outras palavras, possibilitaram uma investigação ancorada em conceitos teóricos alinhados a evolução empírica, relacionada ao profissional de secretariado. Tais categorias analíticas estão descritas no Quadro 3.

Quadro 3 – Estrutura teórico-analítica.

Dimensão teórico-analítica	Objetivo de estudo	Atores sociais	Categoria Analítica (CA)	Proposição teórica
- A Dicotomia Objetividade/ Subjetividade - A <i>Práxis</i> no campo secretarial	Discutir como se estabelece a complementaridade e na dicotomia objetividade subjetividade, relacionada ao processo de construção da <i>práxis</i> no campo secretarial	<u>Praticantes</u> : aqueles que realizam as atividades, a partir das práticas, por meio de processos interativos que promovem ação coletiva (JARZABKOWSKI ; BALOGUN; SEIDL, 2007; WHITTINGTON, 2006)	<u>Práticas</u> : as ferramentas sociais, simbólicas e materiais por meio das quais as atividades ocorrem, que se desdobram em ações (JARZABKOWSKI , 2005; WHITTINGTON, 2006)	A complementaridade se estabelece na dicotomia Objetividade/Subjetividade por meio das práticas que os praticantes do campo secretarial realizam em prol da construção da <i>práxis</i> desse campo.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Definidas as categorias analíticas, optou-se como método para interpretação dos dados, a Análise de Conteúdo. De acordo com Bardin (2011), a referida técnica trata de explicitar e sistematizar o conteúdo de mensagens ou expressões, embasados em índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas e, nesse sentido, o analista tem a sua disposição ou cria operações analíticas, adaptáveis à natureza daquilo que se procura resolver.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Considerado o objetivo deste estudo, é importante lembrar que a dicotomia ora analisada está ancorada na evolução das atividades secretariais que, em tempos passados, eram ajustadas para o campo puramente operacional e, hoje, adequam-se à atuação em áreas mais estratégicas. Nesse sentido, entende-se que as ações secretariais operacionais estão alinhadas a objetividade, cuja presença de padrões, impede a vontade do sujeito, sem preferências ou vieses (BRUCE; YEARLEY, 2006). Em outras palavras, é submeter-se às regulações daquilo que está determinado tanto no que se refere à organização em si, quanto em relação à sociedade.

Todavia, quando o secretário passa a atuar como gestor, acredita-se que há tendências para o subjetivismo, ou seja, o olhar mais determinista daquilo que é somente “praticar” o que já está modelado, passa a voluntarista e, sob essa perspectiva, há o envolvimento do indivíduo gestor não só com a realização da tarefa, mas também, com aquele que a executa. Em outras palavras, a percepção da realidade envolve as percepções ou representações do sujeito (ABBAGNANO, 2007). Na Figura 1, apresenta-se uma síntese do ora discutido.

Figura 1: Síntese: objetividade-subjetividade na atuação secretarial



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

A análise da Figura 1 permite compreender que no contexto tecnicista, as práticas secretarias materializavam-se na atuação desprovida da necessidade de competência mais robustas. A exigência era apenas a de executar tarefas (NATALENSE, 1998). Nesse sentido, supõe-se que em termos de conhecimento e habilidades, as ações eram restritas àquilo que a chefia determinava e, em relação a atitude, a passividade era predominante, conforme comentado por (Rodighero e Grzybovski (2009). Essa conjuntura alinha-se a teoria de Bourdieu (1990), quando explica que o sujeito age independentemente daquilo que pensa ou deseja, visto que a estrutura objetiva condiciona e orienta suas ações, práticas e representações. É também, uma característica da objetividade, visto a concepção de que se trata da ocorrência de ações independentemente daquilo que é voluntarioso do sujeito (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001; BRUCE; YEARLEY, 2006; ABBAGNANO, 2007).

Julga-se, que a partir do reconhecimento da profissão (Leis), da regulação dos cursos de graduação (Diretrizes Curriculares) e das mudanças no campo mercadológico (que passou a exigir profissionais especializados), que a profissão secretarial, assumiu *status* diferenciado e passou a figurar em nível gerencial. A transição de executor, para a de gestor da rotina organizacional, possibilita ao secretário ações mais estratégicas, para as quais, a compreensão do ambiente é macro e, sendo assim, o simples fazer não mais se encaixa. Sob tal aspecto, tem-se que o perfil profissiográfico contemporâneo do secretário o permite assumir uma posição mais ativa em área mais estratégica (RODIGHERO; GRZYBOVSKI, 2009; MOREIRA et al, 2016; RODRIGUES; LAVARDA; MARTINS, 2017).

Complementam a reflexão, Souza et al (2017), quando consideram que é fato que a profissão secretarial evoluiu ao longo do tempo, distanciando-se dos pressupostos do modelo de gestão puramente funcionalista. Ou seja, o secretário, a partir de uma formação multidisciplinar, desenvolve-se para a atuação proativa, polivalente, com uma visão holística

sobre o negócio como um todo e, ainda, sobre si mesmo e o outro; além de sua contribuição para a sociedade, assume uma postura mais interpretativista no contexto organizacional e social. Vale destacar, também, que as transformações paradigmáticas permitiram, ainda, que o gênero masculino retornasse ao campo secretarial, quebrando a hegemonia feminina que dominava o cenário desde o início do século XX.

Ou seja, os praticantes, em um movimento de evolução paradigmática do contexto em que atuavam, buscaram a transformação da prática vivenciada, concordando com Bourdieu (1996), quando explica que é na prática que o *habitus* do sujeito se atualiza. Assim, o profissional secretário, transforma a prática tecnicista (objetividade) em estratégica, alicerçado pelo desenvolvimento de competências direcionadas para a atuação gerencial. Nessa direção, as percepções (subjetividade) do sujeito secretário acerca da mudança contextual do ambiente organizacional o conduziram a transmutações práticas, que fomentadas pela reflexão crítico analítica reconstruíram a *práxis* de atuação.

Outra compreensão possível, a partir das concepções ora exploradas, é a de que os praticantes, mesmo que inteiramente obedientes às estruturas (tecnicistas), se mostraram em algum momento conscientes delas e buscaram desenvolver uma relativa autonomia, pois, como alerta Schenato (2011) não é possível mudar sem considerar os condicionamentos sob os quais o sujeito se posiciona. Em outras palavras, o secretário atuando em um ambiente que passava por modificações (era tecnológica) compreendeu que as práticas, poderiam ser sustentadas pela reflexão crítica/teórica, estabelecendo assim um processo de construção de uma *práxis* (SABINO; MARCHELLI, 2009) sustentada pela dicotomia objetividade (prática) – subjetividade (reflexão).

Considerada a concepção ora posta, reconhece-se uma sucessão com bases construtivistas na qual o praticante, a partir de uma determinada realidade, busca conhecê-la, interpretá-la e recriá-la (GRISALES, 2011) e, nesse processo insere-se a si próprio, recriando a si mesmo. Isto é, o secretário a partir de uma realidade extremamente objetiva, busca transformá-la e, em meio a isso, transmuta (subjetividade) sua própria forma de atuação. A objetividade neste caso então é considerada o ponto de partida da subjetividade, associando-se a concepções prévias do indivíduo (COSTA; KRÜGER, 2003).

É importante dizer que esta reflexão não exclui os procedimentos técnicos que envolvem a atuação secretarial, mesmo por que, da prática da gestão, infere-se ações técnicas. O que é necessário ficar evidente é a mudança na postura da atuação, na qual a objetividade encontra espaço como elemento estruturante de ações sustentadas pela racionalidade e não pela alienação. Em outras palavras, na qual o praticante constrói uma *práxis* a partir de dois elementos complementares: a objetividade daquilo é necessário realizar, somado a subjetividade que lhe permite analisar a conjuntura a partir de suas percepções sobre o contexto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerada a concepção de que o pesquisador trabalha com e para desenvolver o conhecimento de natureza científica, e que, para tanto, é preciso sair da “caixa” e explorar temas que contribuem para a evolução de um campo científico, este estudo buscou experimentar outros caminhos para se investigar um tema tratado de forma mais técnica na área secretarial. Em outras palavras, buscou-se aprofundar uma transformação evidente na

atuação do profissional de secretariado, mas que, no entanto, não havia sido verificada sob a ótica do debate epistemológico.

Assim, este estudo teve como objetivo discutir como se estabelece a complementaridade na dicotomia objetividade-subjetividade, relacionada ao processo de construção da *práxis* no campo secretarial. Assim definido, identificou-se aspectos inerentes à dicotomia ora discutida, na transição de postura do sujeito secretário, que antes se caracterizava por realizar ações como um agente passivo e executor de tarefas, para um perfil contemporâneo, cuja tônica é a proatividade e o posicionamento de gestor que o profissional alcançou.

Vale dizer que, alcançado o objetivo deste estudo, identificaram-se como limitação os poucos estudos na área secretarial no campo epistemológico. Nesse sentido, para estudos futuros propõe-se a ampliação de pesquisas na área, inclusive desta, que faz parte de um projeto, que visa o aprofundamento, em termos científicos, do secretariado. Todavia, observa-se nos últimos anos, acerca do campo secretarial, o comprometimento cada vez maior dos pesquisadores da área em fomentar a atuação técnica alinhada com a cientificidade. Entende-se, com isso, que se promove e impulsiona transformações relevantes na profissão, inclusive, sobre a qual se reflete neste estudo. Sob tal circunstância, é possível dizer que a pesquisa é essencial para o secretariado, mesmo que a ideia de uma profissão voltada apenas para o mercado de trabalho seja a perspectiva de muitos que a buscam.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADELINO, F. J.; SILVA, M. A. V. A tecnologia da informação como agente de mudança no perfil do profissional de secretariado. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 3, n. 2, p. 5–23, 2012.
- BARBOSA DA SILVA, A.; NETO, R. J. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. In: KLEINÜBING, C; BANDEIRA-DE-MELLO, R; BARBOSA DA SILVA, A. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 53–87.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENEDICTO, S. C. DE et al. As contribuições da filosofia da ciência e da epistemologia inter-regional ao campo da administração e estudos organizacionais. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 10, n. 1, p. 1–27, 2012.
- BOEIRA, D. A. R.; DURANTE, D. G. **Gestão secretarial: o papel do secretário executivo na gestão do conhecimento organizacional**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996. p. 13–33.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. Lei n.º 7.377, de 30 de setembro de 1985. Dispõe sobre o exercício da profissão de secretário, e dá outras providências. Brasília, DF. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 1985.

- BRASIL. Lei n.º 9.261, de 10 de janeiro de 1996. Altera a redação dos incisos I e II do art. 2º, o caput do art. 3º, o inciso VI do art. 4º e o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Brasília, DF, 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 23 de junho de 2005. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Secretariado Executivo e dá outras providências.** Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces003_05.pdf. Acesso em: 8 jun. 2019.
- BRUCE, S.; YEARLEY, S. **The sage dictionary of sociology**. London: Sage Publications, 2006.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life**. England: Heinemann Educational Books, 1979.
- CAMARGO, M. et al. A evolução da área secretarial às ciências da assessoria. **Revista Expectativa**, v. XIV, n. 14, p. 1–23, 2015.
- COSTA, R.; KRÜGER, V. **Concepções sobre objetividade/subjetividade no fazer ciência e possíveis implicações na sala de aula universitária**. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. **Anais...**Bauru: FEP/USP, 2003. Disponível em:
<http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL054.pdf>
- DURANTE, D. G. **Tópicos especiais em técnicas de secretariado**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2010.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57–63, 1995.
- GRISALES, R. M. El debate positivismo-constructivismo en Francia: una mirada desde las ciencias de la gestión. In: **Formar en administración: por una nueva fundamentación filosófica**. Bogotá: Siglo Del Hombre, 2011.
- HATCHUEL, A. Towards in Epistemology of collective action: Management research as a responsive and actionable discipline. **European Management Review**, v. 2, p. 36–47, 2005.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. São Paulo: Francisco Alves, 1991.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- JARZABKOWSKI, P. **Strategy as practice**. London: Sage Publications, 2005.
- JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of a practice perspective. v. 60, n. 1, p. 5–27, 2007.
- LANE, S. T. M. A dialética da subjetividade versus objetividade. In: FURTADO, O; REY, F. L. G. (Orgs). **Por uma epistemologia da subjetividade: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LE MOIGNE, J.-L. Chapitre IV: les hypotheses fondatrices des épistémologies constructivistes. In: **Les épistémologies constructivistes**. 3. ed. Paris: PUF, 2007.
- LEAL, F. G.; DALMAU, M. L. B. Formação e perspectivas de atuação do secretário executivo no Brasil. **Passo Fundo**. n. 10, p. 71–85, 2014.

- MAÇANEIRO, M. B.; KUHL, M. R. Estado da arte e o rumo do conhecimento científico em secretariado executivo: mapeamento e análise de áreas de pesquisa. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 04, n. 03, p. 157–188, 2013.
- MARINHO, J. N. **Competências especiais para o desenvolvimento contínuo do profissional de secretariado executivo**. São Paulo: SinSesp, 2014.
- MARTINS, C. B. et al. A busca da cientificidade do secretariado no contexto brasileiro: aspectos históricos e contemporâneos. **Revista Gestão em Análise**, v. 6, n. 1/2, p. 270, 2017.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Classificação brasileira de ocupações – CBO**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 14 jun 2019.
- MOREIRA, K. D. et al. As competências contemporâneas do secretário executivo e a relação com as competências do middle manager. **Revista de Gestão e Secretariado - GeSeC**, v. 7, n. 1, p. 45–66, 2016.
- MOREIRA, K. D. **Proposição metodológica para o desenvolvimento de competências secretariais no contexto da gestão universitária**. Florianópolis, 2018. 294 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico. Programa de Pós-Graduação em Administração.
- NATALENSE, M. L. C. **Secretária executiva: manual prático**. São Paulo: IBO, 1998.
- NEIVA, E. G.; D'ELIA, M. E. S. **As novas competências do profissional de secretariado**. São Paulo: IOB, 2009.
- NONATO JÚNIOR, R. **Epistemologia e teoria do conhecimento em Secretariado Executivo: A fundação das ciências da assessoria**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- NONATO JÚNIOR, R. **Epistemologia do secretariado executivo: por uma teoria do conhecimento em secretariado**. XVI Congresso Nacional de Secretariado - CONSEC. **Anais...** Brasília, DF: Federação Nacional de Secretárias e Secretários - FENASSEC, 2008.
- ORLIKOWSKI, W. J. Engaging practice in research: phenomenon, perspective, and philosophy. In: GOLSORKHI, D. (Eds.). **The Cambridge handbook on strategy as practice**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010. p. 23–33.
- PECI, A. Além da dicotomia objetividade-subjetividade. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- RIBEIRO, N. DE L. A. **Secretariado: do escriba ao gestor: um estudo sobre o novo perfil do profissional de secretariado**. São Luís: Edfama, 2002.
- RODIGHERO, D.; GRZYBOVSKI, D. Gestão do conhecimento e o profissional de secretário executivo. In: DURANTE, D. G.; FÁVERO, A. A. (Orgs). **Gestão secretarial: formação e atuação profissional**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.
- RODRIGUES, L. M. A.; LAVARDA, R. A. B.; MARTINS, C. B. O profissional de secretariado executivo: gestor de informações no processo de formação da estratégia. **Capital Científico**, v. 15, n. 3, p. 112–128, 2017.
- SABINO, R. F.; MARCHELLI, P. S. O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismos e singularidades. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 4, p. 607–621, 2009.

SCHENATO, V. C. A síntese entre objetividade e subjetividade mediada pela noção de habitus em Bourdieu. **Perspectivas Sociais**, v. 1, n. 1, p. 31–46, 2011.

SCHWARTZMAN, S. **Pesquisa acadêmica, pesquisa básica e pesquisa aplicada em duas comunidades científicas**. Disponível em:

http://www.schwartzman.org.br/simon/acad_ap.htm. Acesso em: 25 maio. 2019

SERVA, M.; DIAS, T.; ALPERSTEDT, G. D. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. **RAE-revista de administração de empresas**, v. 50, n. 3, p. 276–287, 2010.

SOUZA, S. et al. Concepções teóricas sobre a atuação secretarial associada à gestão do conhecimento. II Encontro de Estudos e Pesquisas em Secretariado Executivo - II ENEPES. **Anais...**Fortaleza: ENEPES, 2017.

VEIGA, D. R. **Guia de secretariado: técnicas e comportamento**. São Paulo: Érica, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas S.A., 2007.

WAMSER, E. **A secretária que faz: vivências e convivências**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2010.

WHITTINGTON, R. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613–634, 2006.

WILLERS, E. M.; BORTOLOTTI, M. F. P. Profissional de secretariado executivo: explanação das principais características que compõem o perfil. **Revista Expectativa**, v. 4, n. 4, p. 45–56, 2005.